

CÉU DE LUIZ

TIAGO SANTANA E AUDÁLIO DANTAS







CÉU DE LU(I)Z: BRILHA UMA ESTRELA NO FIRMAMENTO

DANILO SANTOS DE MIRANDA
Diretor Regional do Sesc São Paulo

Sabemos que a riqueza de uma manifestação artística se estrutura historicamente em seus aspectos culturais, econômicos e sociais, enfim, na súpula que a engendrou tal como é. No entanto, há determinadas tramas que nos levam a ponderar que há algo de intangível e misterioso no desenrolar dos acontecimentos.

Assim foi com Luiz Gonzaga, ao despontar novas batidas à sanfona, ao compor aquele personagem cujas palavras, dança e vestimentas exaltavam o contexto nordestino.

O momento era de intensa migração do Nordeste para outras regiões do Brasil. Assim, ele correspondeu, de forma precisa, a uma demanda de consumo cultural, criação artística e entretenimento, ao mesmo tempo.

O fato é que, se o fizera deliberadamente, com certeza não tinha dimensão desses resultados. Talvez apenas desejasse compartilhar o vínculo às memórias de sua origem com sua gente, com outras gentes, para que entendessem e sentissem esta saudade, mas não a solidão. De outra forma, como explicar a saga de um menino que nasceu no sertão pernambucano e, ao seguir os passos de seu pai – que jamais excederiam tais confins –, tornou-se uma referência para a música brasileira? Como descrever a trajetória do sanfoneiro que contemplou e extrapolou uma identidade local nordestina?

Talvez as palavras, aliadas à força das imagens, possam ilustrar este expoente de inventividade, que até hoje ressoa no firmamento da música nordestina em suas extensas flexões. Para o Sesc, a valorização desta diversidade autêntica do nosso país, presente neste registro, é importante para o reconhecimento e a construção contínuos de nossa identidade, num processo de educação e formação permanentes.





Ainda hoje, e creio que por muito tempo, ou para sempre, escutaremos sua voz trovejante e veremos seu semblante altivo toda vez que andarmos pelos lugares do Brasil. Cidade grande e interior, interior e cidade grande, Luiz Gonzaga andar sempre com a gente por a.

GILBERTO GIL



A LUZ DE LUIZ

AUDÁLIO DANTAS

Na madrugada de 13 de dezembro de 1912, o tocador de oito baixos Januário José dos Santos aguardava, aflito, a hora do nascimento de mais um filho. A mulher, Ana Batista de Jesus, sofria as dores do parto gemendo baixinho, mas o suficiente para aumentar a aflição do marido. Januário escapou da angústia pela porta da frente da casa de taipa, correu a buscar a parteira, por coincidência chamada Mãe Januária.

No caminho, olhou para o céu, respirou o ar fresco que vinha no vento que soprava dos lados do Riacho da Brígida. A noite clara lhe permitia ver, vulto alteado, a Serra do Araripe.

Foi aí que se deu a zelação, uma estrela cadente a riscar o céu em seu último brilho, um brilho intenso, rápido, fugidio.

Na volta a casa, esbaforido, não demorou muito a ouvir o choro forte que vinha da camarinha anunciando o nascimento. Era um menino. “Um menino homem!”, gritou a parteira.

Ao menino não se deu sobrenome nem de pai, nem de mãe. Na hora do batizado, na igreja matriz de Exu, cidade batida de sol no sertão de Pernambuco, quem compôs seu nome foi o padre vigário. Começou por Luiz, escolha do pai, e logo acrescentou Gonzaga, em homenagem ao santo de sua devoção, e em seguida decretou que seria do Nascimento. Pronto, o menino seria batizado com o nome completo de Luiz Gonzaga do Nascimento.

Havia explicação para que ele assim se chamasse. Além do nome do santo, o vigário acrescentou *do Nascimento* por ser dezembro, mês do nascimento de Cristo. E mais: 13 de dezembro é dia de Santa Luzia, santa que protege a luz dos olhos e que tem luz no próprio nome. Luiz também vem de luz.

Não se sabe ao certo, mas é bem capaz que Januário tenha contado ao padre sobre a zelação, o rastro de luz deixado no céu por uma estrela, quando o filho estava para nascer.

E para se completar essa história de tantas luzes no nome do menino, quando ele já estava crescidinho, moleque magrinho de rosto redondo, outros moleques diziam, nas brincadeiras, que ele tinha cara de bolacha. Mas outros diziam que era cara de lua. Tratava-se de um menino cheio de luz.

Pelas terras que vão se abaixando depois das primeiras escarpas da Serra do Araripe, corre o Riacho da Brígida, um riozinho sertanejo meio incerto, que



às vezes se avoluma, esparramando-se pelas várzeas; e outras, quando é tempo de seca braba, se encolhe até virar um fiozinho de água que segue o seu caminho, desaguando no rio Brígida, para correr ao encontro das águas grandes do rio São Francisco.

O Riacho da Brígida nasce ali mesmo, nas terras da fazenda Caiçara, também lugar de nascimento do menino Luiz. Foi seguindo o seu curso, já formado rio, que, no ano de 1709, chegaram ali, vindos das bandas de Cabrobó, na beira do São Francisco, os primeiros Alencar, que, de tantas terras acumuladas, tiveram até um barão na família. Sem falar numa mulher guerreira, Bárbara de Alencar, heroína da Revolução Republicana de 1817. E, mais tarde, um escritor fundamental: José de Alencar, seu neto.

Foi nos domínios dos Alencar que o menino Luiz cresceu, aventurando-se pelas margens do Brígida, em mergulhos, caçadas e pescarias, e também ajudando nos serviços de levar cavalo a beber água, a mesma água que levava em potes para casa – aquele rio tinha todas as serventias.

E foi o Brígida, virado numa enormidade de água, que invadiu sua casa, em 1924, obrigando a família a se mudar para o povoado do Araripe, um arruado bem ajeitado onde se erguiam as casas-grandes dos Alencar, sendo a maior e mais alta e imponente a que servira de moradia a Gualter Martiniano de Alencar Araripe, o Barão de Exu, tendo, de um lado, emendada, sólida e bem construída, a senzala. E havia também uma igreja dedicada a São João, aquele que aparece menino segurando um carneirinho. Igreja grande, maior do que ela só a do Bom Jesus dos Aflitos, matriz do Exu.

Um dia, já feito homem e famoso, Luiz evocaria o Brígida numa de suas músicas:

Ah, menino, se esse rio falasse

Quanta coisa que ele tinha pra contar.

...

Ah, quanta festa

Quanto samba sem horário

Eu e meu pai Januário

Nós tocando sem parar

São as lembranças

*Nessas águas a rolar.*¹

Januário não era só tocador de fole de oito baixos, era também exímio consertador e afinador de sanfona. Tinha em casa o seu canto de trabalho, seu meio de vida. Sanfoneiros de todo o sertão do Araripe encostavam na casa dele, encomendando consertos de seus instrumentos. Aquele canto era oficina e, nas horas em que Januário se cansava de bulir com teclas, botões e foles, virava local de concerto. Ele pegava a sua oito baixos, sempre afinada, e dela arrancava a música mais caprichada. Se estivesse ali por perto, o menino Luiz ia se chegando, maneiro, ouvidos bem abertos.

O pai crescia a seus olhos, iluminava-se no manejo da sanfona. Quando Januário saía, ele se aproveitava da ausência e dedilhava o instrumento em puxadas desajeitadas do fole. Com pouco tempo, já tirava músicas que não sabia direito como lhe vinham à cabeça.

No princípio, sua mãe, conhecida em casa e no meio do povo como Santana, se arreliaava, impunha sua autoridade:

– Deixe de ser enxerido, menino! Pare de bulir com os instrumentos de seu pai! Vá já levar o jumento pra beber água!

O menino saía meio desenxabido, *amuntava* no animal, que se movia com a lentidão dos jumentos, enquanto Santana, encostada no batente da porta, resmungava:

– Ora já se viu, ainda mija nas calças e já metido a tocador!

A casa de Januário movimentava-se nos fins de semana, quando apareciam os fregueses com sanfonas para consertar ou para apanhar as que haviam deixado para conserto. Alguns vinham de longe buscar seus instrumentos. Se Januário não tivesse conseguido dar conta do serviço, prometia, então, fazer o conserto em seguida. Que esperassem, arranchassem-se ali mesmo em sua casa – sempre havia uma rede para nela descansarem o corpo. Às vezes, o conserto era complicado, mais demorado, o freguês ia ficando à espera. Esperto, o moleque Luiz entrava em cena. Oferecia-se para acompanhá-lo numa caçada ali por perto, o que, além de divertido, podia render alguma carne para o almoço. Mais interessante, talvez, fosse uma feira em um dos povoados próximos, como o Baixio dos Doidos, onde, insinuava,

podia ser encontrada uma boa carne de bode seca. Assim ajudava a completar os almoços de sábado e domingo.

As visitas às feiras podiam oferecer mais do que o bode seco que o freguês de Januário levava de presente. Se houvesse um tocador de sanfona conhecido, alegrando o povo para ganhar uns trocados, Luiz pedia para tocar um pouco. E desse jeito, mesmo cometendo erros de principiante, foi-se tornando conhecido e admirado. “Esse menino é o Cão numa sanfona”, diziam. E acrescentavam:

– Também, é filho de Januário!

Na volta das feiras, ele pedia ao freguês de Januário para não falar da puxação de fole. A mãe, principalmente, não queria saber de vê-lo tão cedo a correr mundo.

Mas ali mesmo, no povoado de Araripe, havia samba quase todo fim de semana no terreiro de Miguelzinho, vizinho e amigo da família. Samba era como se chamavam os bailes naqueles pés de serra, mas o som da sanfona espalhava tudo que era música – xote, baião, xaxado, mas também música de fora, até tango argentino.

O som da sanfona de Luiz já fazia admiração. Ele estava cada vez mais desasnado no instrumento. Mas o começo daquela carreira de sucesso não tinha sido dos mais brilhantes. Aconteceu que o sanfoneiro com quem Miguelzinho tinha acertado não apareceu. Na última hora, o povo todo se ajuntando para a dança, ele recorreu a Januário, que se negou, não queria tocar onde suas filhas dançassem.

Miguelzinho apelou:

– Então, deixe o Luiz. Ele já toca bem pra danar.

Januário não ousou se antecipar, respondeu que a decisão era de Santana. A mulher veio lá de dentro pronta para negar. A conversa se estendeu, Miguelzinho tenso, preocupado com o povo que estava em seu terreiro, esperando a dança. Até que Santana cedeu. O menino podia ir, mas se tivesse sono no meio da dança, como ia ser? Apressado, Miguelzinho foi logo dizendo que não haveria problema, botava ele numa rede e pronto.

1. *Rio Brígida* (Luiz Gonzaga/Luiz Gonzaga Jr.).

edições
Sesc

tempo
d'imagem

Edições SESC SP
ISBN 978-85-7995-083-4



9 788579 950834

EDITORA TEMPO D'IMAGEM
ISBN 978-85-87314-39-0



9 788587 314390

